

FERNANDO IRINEU DE SOUZA  
Capitão-de-Fragata (FN)

### Características peculiares e fatores condicionantes

A capacidade anfíbia é um requisito vital para as nações que, por cupidez ou necessidade defensiva, tenham que projetar poder militar. As Forças de Fuzileiros Navais (FFN), compondo com as Forças Navais o Conjugado Anfíbio, conferem a seus respectivos países capacidade de resposta a um amplo espectro de situações de crise, ainda que em nível regional.

No momento atual, o valor das Operações Anfíbias (OpAnt) e, em decorrência, dessas forças, abalado ao longo das quatro últimas décadas por fatores depreciativos, entre os quais, o aperfeiçoamento dos sistemas de destruição em massa, vem sendo recuperado com o aumento da participação do *"United States Marine Corps"* (USMC) em variadas situações de crise, graças às características de versatilidade, flexibilidade e mobilidade peculiares às FFN. O emprego daquela FFN em vinte situações de crise desde a Guerra do Golfo, o que representa um aumento de quatro para seis intervenções na média anual, comprova serem as mesmas dotadas de inesgotáveis possibilidades de resposta, eficiente e em alcance, à diversidade de situações de crise peculiar à Nova Ordem Mundial.

Essas características conferem, ainda, às FFN um grande poder de dissuasão. Na Guerra do Golfo, por exemplo, a *"1<sup>th</sup> Marine Expeditionary Force"* (1<sup>th</sup> MEF), com um efetivo de aproximadamente 30.000 fuzileiros navais, não realizou um Assalto Anfíbio (AssAnt) em face da defesa estabelecida no litoral empregando minas lançadas em águas rasas e do grande número estimado de perdas em vidas que, certamente, não seria aceito pela opinião pública norteamericana. Entretanto, a presença ameaçadora daquela força teve grande influência estratégica no desfecho do conflito, pois desviou da frente principal de combate, onze divisões - efetivo cinco vezes maior que o

da 1<sup>th</sup> MEF - e exigiu grande esforço da engenharia de combate iraquiana no lançamento de campos de minas e obstáculos para a defesa do litoral ameaçado.

Por outro lado, as FFN sofrem, em sua estrutura organizacional, em seu equipamento e no adestramento, o impacto de três fatores condicionantes: o conceito estratégico naval, a situação político-econômica e o nível tecnológico do país a que pertencem. A magnitude do impacto determina as peculiaridades de cada FFN.

O conceito estratégico naval é concebido em função das hipóteses de crises político-estratégicas geradas pela situação geoestratégica de cada país. Enfoca o espectro de crises em que o Poder Naval poderá ser empregado e os cenários previsíveis para o emprego desse poder, estabelecendo a linha-mestra para o dimensionamento, o equipamento e o adestramento das FFN.

A situação político-econômica afeta positiva ou negativamente a organização, o equipamento e o adestramento das FFN, conforme o grau de maturidade e desenvolvimento de cada país. Naqueles política e economicamente amadurecidos, a influência deste fator será benéfica e, em alguns casos como, por exemplo, nos EUA e Inglaterra, atuará em sintonia direta com o conceito estratégico naval.

Quanto ao nível tecnológico, os meios empregados nas OpAnf são tão específicos que, somente as necessidades de uma FFN de expressão estimulam a pesquisa e o desenvolvimento (P&D) da indústria bélica necessários. Foi por essa razão que os EUA assumiram a hegemonia na concepção de meios anfíbios desde a 2<sup>a</sup> Guerra Mundial, pois somente o USMC tem porte para motivar a iniciativa empresarial.

As demais FFN existentes no mundo guardam, entre si, diferenças no que diz respeito à guerra eletrônica, aos sistemas de armas anticarro e de defesa antiaérea. As diferenças mais significativas, entretanto, ficam por conta da capacidade de suas respectivas Marinhas em apoiá-las com navios de apoio de fogo, navios anfíbios em geral, meios para a realização adequada do movimento navio-para-terra (MNT) e com aviação de asa fixa e rotativa orgânica.

Visando atender às novas missões que lhe são acometidas, o USMC vem desenvolvendo, juntamente com a Marinha dos EUA (*US Navy*), novas concepções como as que serão apresentadas a seguir.

"Marine Air-Ground Task Force (MAGTF)". Força-Tarefa Ar-Terra de Fuzileiros Navais. Trata-se de um modelo organizacional que congrega o conceito de componentes aplicado às armas e serviços, surgido da percepção do nível operacional da guerra, nível este intermediário entre o estratégico e o tático.

Na organização tradicional, o Comandante da Força de Desembarque (ComForDbq) controla, em linha direta, no mínimo, oito elementos de natureza e tarefas distintas. No modelo *MAGTF*, a infantaria, os carros de combate, a engenharia e a artilharia, são reunidos no Componente de Combate Terrestre (CCT); todos os meios de apoio de serviços ao combate são agrupados no Componente de Apoio de Serviços ao Combate (CASC); e meios aéreos formam o Componente de Combate Aéreo (CCA). Todos esses elementos subordinam-se a um Componente de Comando, que é o próprio ComForDbq e seu Estado-Maior.

Esse modelo alivia o ComForDbq das preocupações com a manobra tática dentro da Cabeça de Praia (CP), visto que reduz sua amplitude de controle para três, possibilitando-lhe dedicar maior atenção ao nível operacional da guerra, no espaço tridimensional que abrange não somente a CP, como também uma porção considerável da Área do Objetivo Anfíbio (AOA).

Existem três tipos básicos de *MAGTF*:

- a "*Marine Expeditionary Unit*" (*MEU*), cujo CCT é nucleado por um Batalhão de Infantaria;

- a "*Marine Expeditionary Force*" (*MEF*), cujo CCT é formado por uma ou mais Divisões de Fuzileiros Navais; e

- a "*Marine Expeditionary Force Forward*" (*MEF(Fwd)*), cujo CCT é formado por um Regimento de Infantaria ou por um Regimento de Infantaria e dois Batalhões de Infantaria.

Existe um quarto tipo de *MAGTF* denominado "*SPECIAL PURPOSE MAGTF*" (*SPMAGTF*) que será formada quando os tipos básicos não forem adequados a determinadas situações tais como: apoio em calamidades; assistência humanitária; e evacuação de não-combatentes. Seu CCT terá vulto variável, desde o valor Pelotão de Fuzileiros.

O modelo organizacional *MAGTF* já foi incorporado à doutrina da Marinha do Brasil (MB), que prevê, com as devidas adaptações à realidade do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN), a organização dos seguintes tipos de ForDbq:

- Unidade Anfíbia de Fuzileiros (UANf);
- Brigada Anfíbia (BANf); e
- Força Anfíbia de Fuzileiros (FAF).

*Desembarque Além do Horizonte - (DAH)*. Foi desenvolvida nos anos oitenta, como resposta ao aumento da letalidade das armas. É uma concepção na qual o MNT é lançado de uma distância de cerca de 25 milhas náuticas do litoral. Isso possibilita a obtenção da surpresa tática ao mesmo tempo em que reduz a exposição de uma ForTarAnf aos sistemas de armas do defensor. O DAH é viabilizado pela tríade “*Land Craft Air Cushioned*” (LCAC) - “*MV-22 OSPREY*” - “*Advanced Armoured Amphibious Vehicle*” (AAAV).

O LCAC é uma embarcação de desembarque sobre colchão de ar (EDCA) que pode desenvolver até 40 nós e transportar 60 toneladas de carga ou até quatro carros de combate ou viaturas blindadas leves.

O AAAV é uma versão avançada do Carro de Lagarta Anfíbio (CLAnf) dotada de uma rampa hidrodinâmica e de um motor mais potente que a permitirão atingir até 30 nós. O novo CLAnf, além de mais veloz, proporcionará a proteção blindada à tropa nos desembarque com oposição.

O MV-22 é um avião cujos motores turbo-hélice podem ter seu ângulo de inclinação alterado, possibilitando pouso e decolagem vertical.

*Guerra de Manobra*. Embora não seja propriamente uma concepção nova, a Guerra de Manobra vem sendo aperfeiçoada e sistematizada pelo USMC desde meados dos anos oitenta. Sua finalidade é tornar o inimigo incapaz de resistir por meio da redução de sua coesão moral e não pela sua destruição física pela atrição. Pressupõe o amplo uso da mobilidade e um elevado grau de iniciativa em todos os escalões.

*“Operational Maneuver From the Sea” - (OMFTS)* - Manobra Operacional Iniciada no Mar. É uma concepção estratégica naval que estende a aplicação dos princípios da Guerra de Manobra aos meios navais nas ações iniciais de uma OpAnf. Usando não apenas a terra e o ar, mas

também o mar como espaço de manobra, a ForTarAnf, operando como um todo, aplica, pelo emprego do movimento, o poder de combate nas vulnerabilidades críticas e brechas defensivas existentes, antes que o defensor as perceba e as repare.

O *OMFTS* é, portanto, u'a manobra sem as interrupções e a linearidade que tornam o MNT convencional previsível. Com navios anfíbios de variadas classes e os modernos meios, como os já citados EDCA, CLAnf-(A) e o *MV-22*, uma ForTarAnf adquire, com essa concepção, um elevado grau de mobilidade. Desta forma, obrigando o defensor a deslocar-se lateralmente e a empenhar prematuramente suas reservas, poderá retardar, até o último momento, a decisão quanto ao ponto de penetração em uma faixa litorânea de cerca de 600 Km de extensão, obtendo a surpresa em qualquer circunstância.

Quanto aos meios para o Comando, Controle e Comunicações (C<sup>3</sup>), os avanços tecnológicos vieram beneficiar as OpAnf, possibilitando a manobra em espaços maiores, contemplando assim, as novas concepções de desembarque. O uso de satélites possibilita as comunicações verticais, aumentando o alcance dos equipamentos e reduzindo os efeitos das ações de guerra eletrônica. Esses avanços permitem minimizar a dicotomia existente nas OpAnf entre a permanente necessidade de informações e a preservação do sigilo antes do desembarque. Desta forma, as agências de busca, lançadas pré-Dia-D, podem transmitir informes atuais sobre a área de operações e a situação do inimigo para uma ForTarAnf bem afastada da AOA, com riscos mínimos de detecção.

No campo da inteligência, o elemento humano, que é suscetível ao erro provocado pelas pressões psicológicas - peculiares ao combate - e que nem sempre obtém as informações em tempo oportuno, vai aos poucos sendo substituído pela robótica. Durante a Guerra do Golfo, o *USMC* experimentou diversos modelos de "*Unmanned Aerial Vehicle*" - Aeronave Pilotada por Controle Remoto (APCR), transmitindo, em tempo real, informações sobre o dispositivo inimigo e sobre o terreno. Com isso, reduz-se o tempo de exposição das equipes de reconhecimento e preserva-se a integridade das aeronaves de reconhecimento mais sofisticadas e de seus pilotos. Os APCR compõem, com os meios C<sup>3</sup> e Bancos de Dados, um sofisticado sistema de Comando, Controle, Comunicações e Inteligência (C<sup>3</sup>I).

## O Corpo de Fuzileiros Navais do Brasil

O exemplo dado pela maior potência militar do planeta, que reconhece no *USMC* a melhor forma de projetar poder, não pode ser ignorado por nações de destinação marítima como o Brasil. É claro que o CFN não pode alimentar quimeras de utilizar o *USMC* como modelo fiel e indefinidamente. Se, para as necessidades dos EUA, uma *MEF(Fwd)* possui uma estrutura com cerca de 15.000 homens, uma *BANf* de estrutura leve, com um efetivo em torno de 6.000 homens, parece perfeitamente talhada às necessidades brasileiras. Em que pese a acentuada diferença nos números forças de mesmo vulto, ambas têm poder de combate equivalente, pois a maior concentração de efetivos da *MEF(Fwd)* está em seu componente de apoio de serviços ao combate (CASC), tendo em vista a sua necessidade de operar por tempo indeterminado, em cenários distantes de suas bases.

Embora a Força de Fuzileiros da Esquadra tenha em sua estrutura uma Brigada de Fuzileiros Navais corporificada pela Divisão Anfíbia, resente-se da quantidade ideal em meios de Apoio ao Combate, mais precisamente, de Carros de Combate e *CLANf*, para que possa compor plenamente uma *BANf*, o menor escalão capaz de executar um Assalto Anfíbio. Tal complementação deverá ter uma contrapartida no aumento da quantidade de Navios Transporte e Navios Anfíbios em geral, além de meios específicos para o MNT.

Não obstante a influência das condicionantes político-econômica e tecnológica, a MB tem mantido o CFN no *estado d'arte* no que concerne ao armamento, transporte terrestre e equipamentos de comunicações.

Quanto às projeções para o conceito estratégico naval do Brasil, é lícito supor que o clima de conciliação e entendimentos trazido pelo MERCOSUL se estenderá ao campo militar, como parte de uma estratégia regional, com perspectivas "bioceânicas". Nesse aspecto, à MB e, por extensão, à sua capacitação anfíbia, está destinado um papel de enorme importância.

No campo político, o Brasil ambiciona uma cadeira de membro permanente do Conselho de Segurança das Nações Unidas. A concretização dessa aspiração estará mais próxima na medida em que o País participe, com sua expressão militar naval de missões de observação, de forças de paz e assistência humanitária, sob a égide da Organização das Nações Unidas (ONU). Esse pode ser o diapasão que eliminará as dissonâncias existentes no Brasil entre a condicionante político-

econômica e o conceito estratégico naval, devendo-se esperar que a MB seja aquinhoadada com meios que lhe proporcionem maior mobilidade e autonomia.

No mundo atual, os recursos energéticos e os espaços vitais são cada vez mais escassos. Não pode, portanto, haver dúvidas de que o Brasil, com suas imensuráveis riquezas, com seu espaço territorial e uma fronteira marítima de 7.491 Km, seja alvo da cobiça das grandes potências. Assim, diante da perspectiva de um conceito estratégico naval que, além de abranger cenários remotos e atender a um amplo espectro de situações de crise, deva contribuir para a manutenção da soberania nacional, especial atenção deve ser dada à nossa capacitação anfíbia. Assim, a manutenção de uma ForDbq de valor UAnf, aprestada para atuar de forma precursora, e de uma ForDbq valor BAnf, em condições de ser rapidamente organizada e empregada, constitui uma necessidade atual, em vista da rapidez e da imprevisibilidade com que os fatos acontecem em nossos dias. Finalizando, convém que seja ressaltada a grande vulnerabilidade que representa para a MB e, por extensão, à sua expressão anfíbia, a falta da aviação naval de asa fixa. Um conceito estratégico naval, que se proponha a contemplar cenários remotos, não pode ficar à mercê do apoio de uma aviação estabelecida em bases continentais.